

O ALVO

Ilan Brenman



Resenha

Em uma pequena cidade polonesa do século XIX, havia um professor imensamente respeitado por toda a comunidade, considerado por todos um mestre. A cada vez que alguém lhe procurava angustiado com um problema ou dificuldade, ele sempre tinha uma história para contar – e, de alguma forma, ao escutar essa narrativa, a pessoa começava a ver saídas para o seu dilema, a encarar de outro ponto de vista as circunstâncias que até então lhe pareciam insolúveis.

Certa vez, um grupo de alunos curiosos resolveu perguntar ao professor como ele conseguia escolher sempre a história certa para cada pessoa. O velho sábio, como não podia deixar de ser, respondeu com uma narrativa. Contou a trajetória de um arqueiro que – depois de estudar, por muito tempo e de muitas maneiras, a arte do arco e flecha – se espanta, ao se deparar com um cercado de madeira com mais de cem alvos, todos eles com marcas de flechadas bem ao centro. Quem teria sido capaz de tamanha façanha? Para a sua surpresa e incredulidade, um menino franzino se apresenta como o autor do feito. Conta-lhe, então, que acertar os alvos não tinha sido difícil: primeiro tinha atirado todas as flechas e só depois pintado os alvos em torno. Da mesma forma, escutando profundamente as pessoas, parece dizer o professor, é possível desenhar histórias ao redor delas.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Em *O Alvo*, Ilan Brenman divide com seus leitores essa bela narrativa tradicional da comunidade judaica: uma história metalinguística, a respeito do ato de contar histórias. Em parceria com Renato Moriconi, que, com refinada sensibilidade, produz ilustrações ao redor de um furo, que acaba funcionando como o centro de um alvo – num jogo sofisticado que conecta todas as ilustrações do livro e nos revela os meandros do processo de criar imagens.

Dando vida a essa narrativa antiga, autor e ilustrador nos lembram do sentido mais profundo do papel do contador de histórias – e, de alguma maneira, também o do artista, de modo geral: o de traçar linhas que permitam que as pessoas percebam que é possível enxergar sua própria narrativa de vida a partir de outros pontos de vista, quando nos damos conta de que nos movemos em um pequeno círculo rodeado de círculos mais amplos, que nos oferecem outras possibilidades de sentido.

Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

– Pai! Tem um furo no meio! – gritou o meu filho ao ver o livro *O Alvo*.

A pequena – de três anos – enfiou o dedo e tentou atravessar o livro todo.

– *É de arco e flecha, pai!* – antecipou o mais velho – de sete – abrindo e folheando.

Lemos juntos. Eu adoro histórias de arquearia. Juntos, adoramos histórias de todo tipo: inventá-las, lê-las, alterá-las (contarmos uns para os outros mudando pequenos detalhes). História para dormir, história para construir brinquedo de lego, história que vira música, história para explicar algo. E uma das coisas que mais fazemos aqui em casa: brincar com histórias.

Acontece que esse livro é uma história sobre a arte de contar histórias. Acontece que as ilustrações e o projeto gráfico especial com o furo no meio das páginas trazem uma ludicidade quase mágica ao livro. O objeto livro é alçado à categoria de brinquedo.

Brenman é bem conhecido aqui em casa. Sua prosa é muito fluida para as crianças. Ele consegue capturar os pequenos de maneiras sempre

inusitadas. Uma das coisas que mais reforça essa impressão é que, nos dois momentos em que a turma de alunos do Mestre gargalha (com a resposta do início e com o fim da história do arqueiro), minhas crianças gargalharam junto. “Gargalhar é rir muito, né?”, perguntou, já respondendo, a mais nova, na segunda gargalhada.

Fomos e voltamos ao livro diversas vezes. Algumas para retomar a história do arqueiro (e como as crianças entendem com facilidade a metalinguagem da história dentro da história!), outras para descobrir o que o furo do livro representava em cada ilustração. Na página onde os olhos da personagem são alvos, nos detivemos por muito tempo, por exemplo, elucubrando sobre o que aquilo significava.

Quero reforçar a beleza e o desafio que encerram as ilustrações e o furo do livro: o conjunto cria um fluxo narrativo próprio, que leva o olhar (das crianças e dos adultos) por diversas camadas da história, nos aproximando das personagens, criando ambientes mais fantásticos, expondo perspectivas mais amplas. Tudo isso faz com que nosso olhar e nossa imaginação transitem entre planos diferentes de observação e de compreensão de cada passagem – um caminho que nos absorve com energia e, ao mesmo tempo, nos conduz com leveza, quase que de mãos dadas com o texto e com as imagens.

Para além disso, duas outras coisas pequenas (mas fundamentais) nos chamaram a atenção: a primeira, a Polônia, Varsóvia. Localizar a história em um espaço geográfico é um gancho maravilhoso para construir e buscar novos conhecimentos com as crianças. Meus filhos têm, por parte de mãe, ascendência polonesa e isso, por si só, já foi motivo para pesquisarmos (ainda que apenas conversando) sobre aquela terra, sua história, seu povo. Em segundo, a figura do Mestre. Conversamos muito sobre a ideia de alguém que tem autoridade e responsabilidade de ser um conselheiro – professores, pais, avós. Conversei com meus filhos (o mais velho se interessou muito pelo assunto e comparou o Mestre do livro com o mestre de desenhos de *kung fu...*) sobre meus mestres ao longo da vida.

Curiosamente, ler esse livro com eles também me colocou no papel de aprendiz e mestre ao mesmo tempo. Que é, talvez, como deve ser a maturidade.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a

importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.



Leia mais

Do mesmo autor e coleção

- ✦ *O que a terra está falando?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cavalo de Troia, a origem*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *Dez bons conselhos do meu pai*, de João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Joty, o tamanduá*, de Vangri Kaygang. São Paulo: Global.
- ✦ *Contos budistas*, de Sherab Chodzin Kohn. São Paulo: Martins Fontes.
- ✦ *Karu taru: o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku. Porto Alegre: Edelbra.
- ✦ *Xangô, o trovão*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

